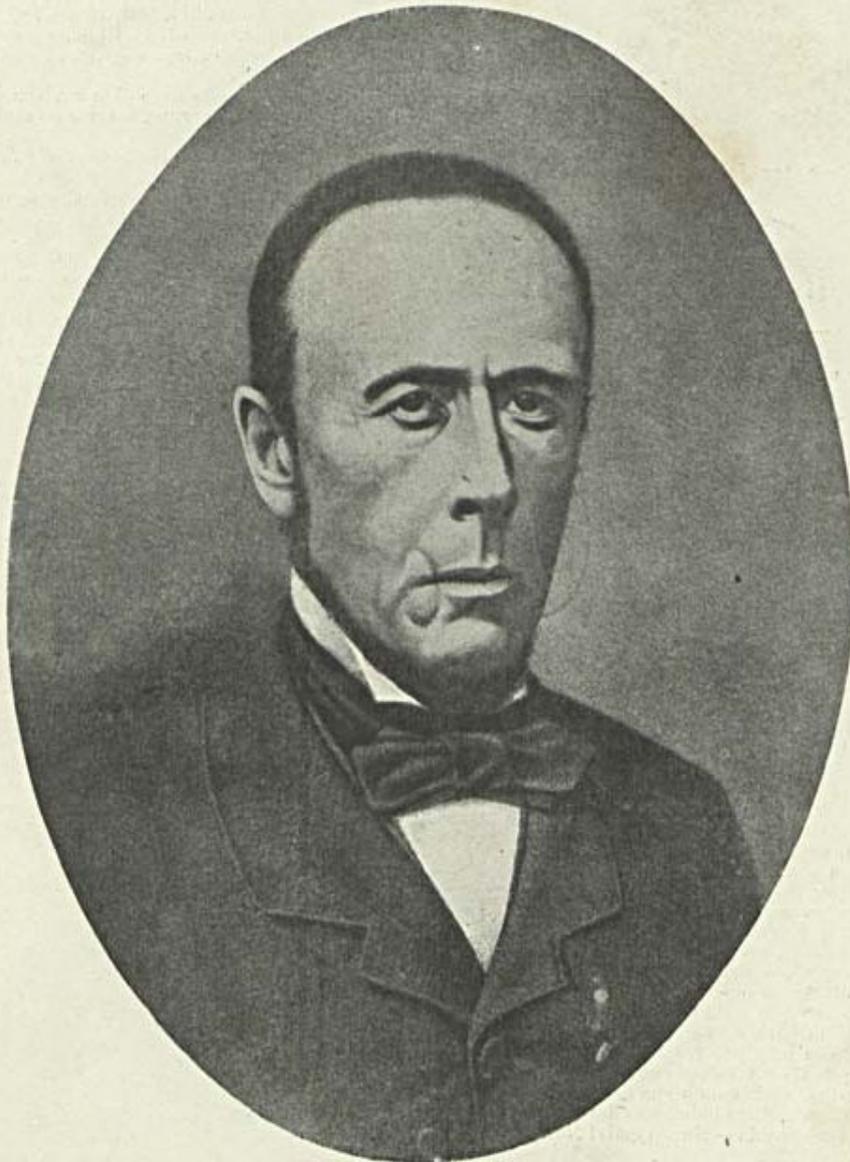


# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castro.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE ABRIL DE 1910

N.º 269



Alexandre Herculano

*Em Portugal e no Brasil, isto é, em todas as terras onde é falada a língua portuguesa, se está celebrando n'este momento a data em que nasceu Alexandre Herculano. Foi opportuno e justo o manifesto que a commissão executiva do centenário dirigiu ao paiz, para que todas as classes sociaes tomassem parte nas manifestações que tenham por fim perpetuar a memoria d'este grande vulto da historia moderna, que, como nenhum outro português, elevou a taes proporções o talento e o caracter, que a sua individualidade poderosa marca uma epoca, nobilita uma raça, e a gloria de uma litteratura, e honra uma nacionalidade.*



O grande actor João Rosa

† em 15 de março de 1910

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

*Morte do actor João Rosa. A sua prolongada agonia moral. Desde quando elle estava morto. Um grande artista. Um grande mestre. Quem fica ahí a substituil-o? Do romantismo ao naturalismo. Uma evolução dentro de immutaveis processos d'arte. Nunca mais!—O centenário do nascimento de Alexandre Herkulano. O que elle foi e o que elle deveria ser.*

A morte do actor João Rosa, occorrida ha approximadamente quinze dias, não foi uma surpresa para ninguém. Elle soffria, cada vez mais aggravados, os estragos de uma doença terrível, que não perdoa. Poderia viver mais algum tempo, mercê de cuidados especiaes, do muito carinho e da muita solicitude que nunca lhe faltaram. Mas estava perdido.

Verdadeiramente, João Rosa morrera na noite em que pela ultima vez o panno do theatro D. Amelia desceu entre elle e o publico. Desde então elle adquirira amargamente, a pouco e pouco, como quem esvasia as fezes d'uma taça, a crudelissima certeza de que não poderia reagir contra a perfidia da horrivel doença que lhe ia ganhando o organismo cançado de tantos annos de trabalho. Ahí começou a sua agonia, essa atroz agonia que só pode sentir quem muito ame a sua arte, como elle a amou, e que para ella se veja para sempre perdido. Um dia tentou um esforço supremo: quiz apreciar a sua nobre, linda figura, emitir no preciso tom a voz que parece ainda resoar gratamente ao nosso ouvido, gesticular, reviver, enfim, uma das suas mais gloriosas personagens, o ideal *Abbate Constantino*. Impossivel! Impossivel! Amparou-se a um braço amigo, emmudeceu. E sentiu então que vivia apenas para essa grande dôr de se vêr perdido para a sua arte. Elle nada disse, elle nunca mais proferiu uma palavra a tal respeito. Ninguém lh'a ouviu. No entanto eu estou convencido de que nas suas horas de solidão, a sós com a sua amargura, no seu desolado quarto de doente, duas palavras allorariam constantemente a sua bocca descorada — Nunca mais! Nunca mais!

Como um amante que insiste em mitigar a sua grande dôr — reavivando-a, apenas — visitando o logar onde para sempre perdeu todo o amor da sua alma, elle ia amiudadas vezes ao theatro, ás noites. Atravessava aquelle tablado com passos tremulos, elle que o pisara victorioso como um heroe, pelo braço do creado, sentava-se no camarim do irmão, do seu querido irmão, do seu querido companheiro de tantos annos de arte gloriosa, e allí se ficava emmudecido, os olhos postos n'aquelle que é o ultimo principe d'essa fa-

mosa dynastia de grandes artistas — os Rosas. Como elle soffria! Como elle soffria! E com que nobreza soffria!

Por fim, um accidente, naturalmente consequencia da propria doença, matou-o. Deus apiedou-se d'elle e poz termo ao seu martyrio. Entre nós ficou apenas o seu despojo mortal coberto de flores, de benções, de lagrimas... Levaram o seu cadaver para o cemiterio. Disseram palavras de justiça á hora da despedida suprema. O seu caixão foi collocado junto do do pae. Encerraram o jazigo. Tudo debandou. E ninguém pensou n'isto — na falta que esse homem ficou fazendo.

E, no entanto, a falta que elle faz é enorme. Enorme! O vacuo que a sua grande figura abatida pela morte deixou, immenso. Immenso!

Foi um grande actor. Agora, que elle é morto, agora, no momento em que ninguém poderá apodar-me de servil lisonjeiro, eu sinto a necessidade de dizer isto, com a pouca ou muita auctoridade que queiram ou não queiram reconhecer-me: — não conheci até hoje actor superior a João Rosa. Actor, senhores, leiam bem: actor.

E, todavia, elle não foi um genio. Foi, apenas, um talento. Mas foi — attendam bem, senhores! — um talento ao serviço de uma inexcusable probidade. Pela sua arte elle foi, o que pela sua bandeira é um grande e honrado general: um fanatico e um disciplinado. Modelar em tudo. E, diremos, que só á sua gloria aproveitou a sua luminosa carreira de artista!

O seu exemplo...

Quem fica ahí a substituil-o? Quem?... Esta pergunta não representa menospreço pelas qualidades de ninguém, é claro. Não a faço com azedume, de rixa velha e caso pensado para melindrar quem quer que seja. Não. E' com amargura, com profunda tristeza que eu pergunto: quem fica ahí a substituil-o? Quem?...

Quem fica ahí, após tantos annos do seu ensinamento, com direito de levantar a cabeça e gritar: eu sou discipulo d'esse grande mestre? Quem?...

Quem fica ahí, não digo já a reviver o seu enorme, esplendido repertorio, mas a encarnar, a viver as mais differentes e complexas personagens com a sciencia e consciencia que elle punha em evidencia nas menos delicadas circumstancias?

Quem fica ahí, de posse dos seus simplissimos processos, tão simples que n'elles nunca entrou a menor convenção conquanto obedecessem religiosamente aos preceitos — tão desconhecidos geralmente — da nobre arte de representar?

O poder da sua arte! o grande poder da sua arte! Como elle poude evoluir até transformar por completo a sua admiravel maneira de representar no momento em que essa evolução se impoz! Como elle, um conservador intransigente, se modificou insensivelmente, para nós, os seus espectadores, fazendo-se um actor moderno, completissimo, sem por um só momento deixar de fervorosamente alimentar no seu intimo o culto por essa encantadora — digam lá o que disserem! — maneira romantica, que foi, sempre, a sua maneira apenas actualisada por uma das mais singulares modalidades do seu privilegiado talento!

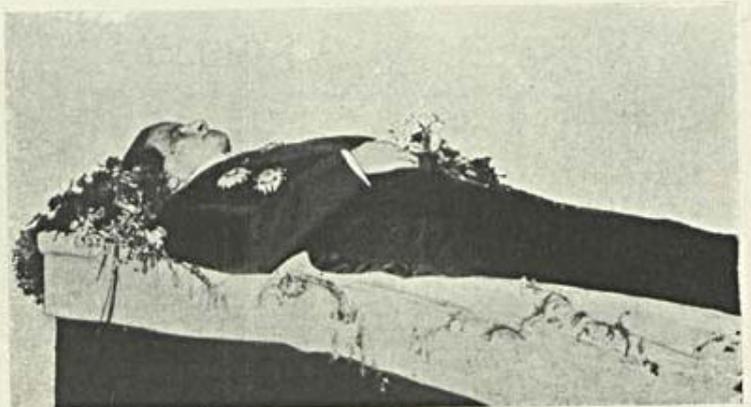
Que grande actor! que grande actor! que completo actor! E sempre, e em tudo. Os seus galans, os seus centraes, os seus caracteristicos! grande, em tudo! Fosse elle Villemer, fosse Luiz XI, fosse o Custodia! Grande, grande sempre!

Froilão, La Seiglière, Simeron! Lembrem-se, lembrem-se! Yago, Belac, Dufresne! Lembrem-se, lembrem-se!

Que tristeza, que tristeza! Ter agora o nosso fervoroso culto, viuvo da sua soberba arte, de repetir com a mesma saudade, a mesma ternura, a mesma amargura, as desoladoras palavras que certamente alloravam á sua bocca descorada nas horas de solidão, no seu triste quarto de doente...

Nunca mais! nunca mais!

A commemoração do centenário do nascimento de Alexandre Herkulano não foi o que deveria ser e seria de esperar. Ella não correspondeu nem á grandeza moral nem á grandeza intellectual do his-



O cadaver do grande actor João Rosa em camara ardente

(Clic. é de A. C. Lima).

torizador insigne. Não passou da Academia e algumas outras, poucas, agremiações. Feita á capucha, de portas a dentro, com oratoria — alguma brilhantissima — e mais nada.

Eu não comprehendo que acontecimentos d'esta ordem, de um tão elevado caracter civico, possam realizar-se sem o concurso do povo. Não comprehendo e creio que não sou o unico a não comprehender. Herculano não foi apenas um polygrapho que interesse institutos scientificos e litterarios. Foi mais e, porventura, melhor: foi um grande, austero, nobilissimo character, cujo exemplo convem apontar a cada passo, mórmente na época que atravessamos.

Obtemperar-me-hão que o povo não conhece Herculano. Perfeitamente. Pois por isso mesmo!

Digam-lhe quem elle foi. Digam-lh'o, publicando em edições populares a sua grande obra. Digam-lh'o em conferencias, por esse paiz fóra, não em gremios mas em praças publicas. Digam-lh'o pela palavra quente dos oradores, pela penna dos jornalistas, pela divulgação da sua honrada e brilhante palavra de portuguez de coração e de cerebro. Contem-lhe quem foi esse grande espirito e esse grande coração. O que elle foi como romancista, como poeta, como critico, como historiador e, sobretudo, como portuguez. Digam-lhe que tempera era a d'esse patriota que despresou todas as honras e benesses para acabar, honradamente, n'um ermo, com as suas desillusões e as suas crenças, como o mais humilde lavrador.

Bom é que celebrem o escriptor nos institutos e academias; mas melhor seria que lhe celebrassem as virtudes na praça publica.

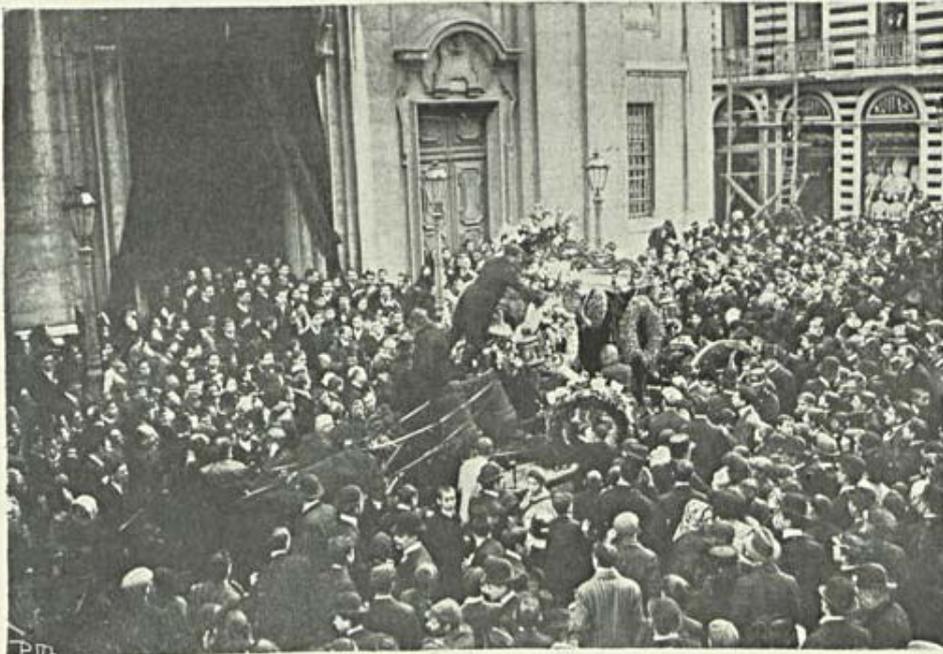
Herculano não é apenas uma gloria da Academia a que virou cos-

dreiros e carpinteiros, foi na sua época o mais fidalgo portuguez, o mais amigo da sua Patria, o que mais trabalho e intelligencia dispendeu para o seu engrandecimento, o ultimo, até agora, que soube manter as gloriosas tradições de Portugal, como em outras épocas e em campos diferentes o fizeram Nuno Alvares Pereira, Alvaro Vaz de Almada, Gil Vicente, Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque, Luiz de Camões e Pombal.

Não cabe nos estreitos limites d'este artigo, nem é nosso intuito, fazer uma analyse critica da obra do grande escriptor, nem o seu elogio historico, ou, sequer, traçar a sua biographia, porque, além, de nos carecerem os recursos, sentimo-nos infinitamente pequenos ante a realização de um tão grande commettimento. Não, no desprezencioso alinhamento d'estas palavras ha apenas o fito de render o preto humilde da nossa homenagem a essa figura magestosa cujo centenário actualmente se celebra.

Se, como homem, foi de uma nobreza de character e rectidão inexcusáveis, como litterato foi incommensuravelmente grande.

A elle devemos a implantação do *romantismo* em Portugal, d'essa escola litteraria que lá fóra teve apóstolos como Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, Alfredo Vigny, Musset, Saint Beuve, Balzac, George Sand, Byron, Walter Scott e Manzoni, e entre nós Garret e Castilho; d'essa escola que, derruindo os processos archaicos dos classicos gregos e romanos, da symetria e dos preconceitos de factura, foi a precursora da actual escola *realista* que domina em todas as litteraturas. A elle devemos essas paginas bellas, modelares de estylo, ricas de linguagem, que nos revelam com uma ver-



Aspecto da rua Garrett momentos antes de se pôr em marcha o funeral de João Rosa  
(Cliché de J. Benoliel).

tas; Herculano é uma gloria da patria que muito amou. Essa memoria não pertence a um grupo, a uma classe — é da nação. E' do povo, tanto mais que do povo veio Herculano e do povo nunca quiz sahir.

CAMARA LIMA.

## Alexandre Herculano

*Pertenco pelo berço a uma classe obscura e modesta: quero morrer onde nasci.*

ALEXANDRE HERCULANO.

Estas palavras escriptas n'uma carta que Herculano fez publicar no *Jornal do Commercio* em dezembro de 1862, na qual panteava as razões porque se excusava a receber quaesquer mercês ou titulos, definem bem o homem, dão a impressão nitida da altivez de character d'essa egregia e insigne individualidade, colosso de talento e de erudição, que em todos os seus actos e em todos os seus escriptos manteve sempre a mesma linha inflexivel e inquebrantavel. Podendo, graças á sua grande intelligencia e profunda somma de conhecimentos, elle, que privava com reis e imperadores, disfructar de todas essas honrarias que tantos ambicionam, tudo recusou: — commendas, grã-cruzes, cargos politicos, e até o pariato! — Filho de plebeus, descendente de lavradores, pe-

dade inegalavel pedaços da nossa historia, arrancados aos poeirentos codices armazenados nos archivos e bibliothecas dos conventos, e dramatisados com uma tenue luz de phantasia, que em nada lhes desfaz o cunho da veracidade, com uma imparcialidade, um criterio e uma nobreza que dão a Herculano o mais alto logar nas letras patrias.

Pelos seus escassos recursos, pode apenas o grande historiador cursar a aula do commercio e depois a de paleographia. Toda essa grande somma de conhecimentos, toda essa erudição, que eram a sua riqueza, deveu-as elle ao seu esforço proprio, ao trabalho continuo de manusear antiguidades e ás suas portentosas faculdades intellectuaes. Aos dezoito annos traduzia o *Phantasma* de Schiller. A sua primeira poesia, aos dezoito annos, foi a *Semana Santa*, publicada mais tarde, em 1838, na *Harpa do crente*, onde tambem merecem especiaes referencias as poesias *Cruz mutilada* e *Arrabida*. Os seus versos não têm o lyrismo que repassa os de alguns poetas seus contemporaneos, mas são notaveis pelo levantado da idéa e pela maneira como, as mais das vezes, um simples motivo se explana n'uma larga atmospheria. Em todos elles deixou Herculano vinculados traços da sua individualidade e do seu sentir. Veja-se, por exemplo, o seguinte excerpto da *Cruz mutilada*:

Amo-te, oh cruz, no vertice firmada  
De esplendidas igrejas;  
Amo-te quando á noite, sobre a campá,  
Junto ao cypraste alvejas;  
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
As preces te rodeiam;  
Amo-te quando em prestito festivo  
As multidões te hasteiam;

Amo-te erguida no cruceiro antigo,  
 No adro do presbyterio,  
 Ou quando o morto, impressa no ataudé,  
 Guias no cemiterio;  
 Amo-te, oh cruz, até, quando no valle  
 Negrejas triste e só,  
 Nuncia do crime, a que deveu a terra  
 Do assassinado o pó.

Porém quando mais te amo,  
 Oh cruz do meu Senhor,  
 E', se te encontro á tarde,  
 Antes de o sol se pôr.

Na clareira da serra,  
 Que o arvoredor assombra,  
 Quando á luz que fenece  
 Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios  
 Com o luar mistura,  
 E o seu hymno da tarde  
 O pinheiral murmura.

Veiu depois o anno de 1831. Debatia-se em Portugal, que chegára a um grau de decadencia impossivel de descrever, a causa da Liberdade, que de modo algum podia deixar de inspirar sympathia ao então novel escriptor. Tomou parte na mallograda revolta do regimento n.º 4, occorrida em 21 de agosto d'este anno, vendo-se na dura necessidade de se homiziar para não ser enforcado. Foi então que, já no exilio, n'um arranco de alma que é o grito desesperado de um vencido, escreveu essa outra poesia, o *Soldado*. Diz elle:

Terra infame! — de servos aprisco,  
 Mais chamar me teu filho não sei;  
 Desterrado, mendigo serei;  
 De outra terra meus ossos serão!

Em 8 de julho de 1832 fazia parte d'essa pleiade de bravos que

desembarcaram no Mindello sob o commando do Duque de Bragança, e que conseguiu derruir o absolutismo.

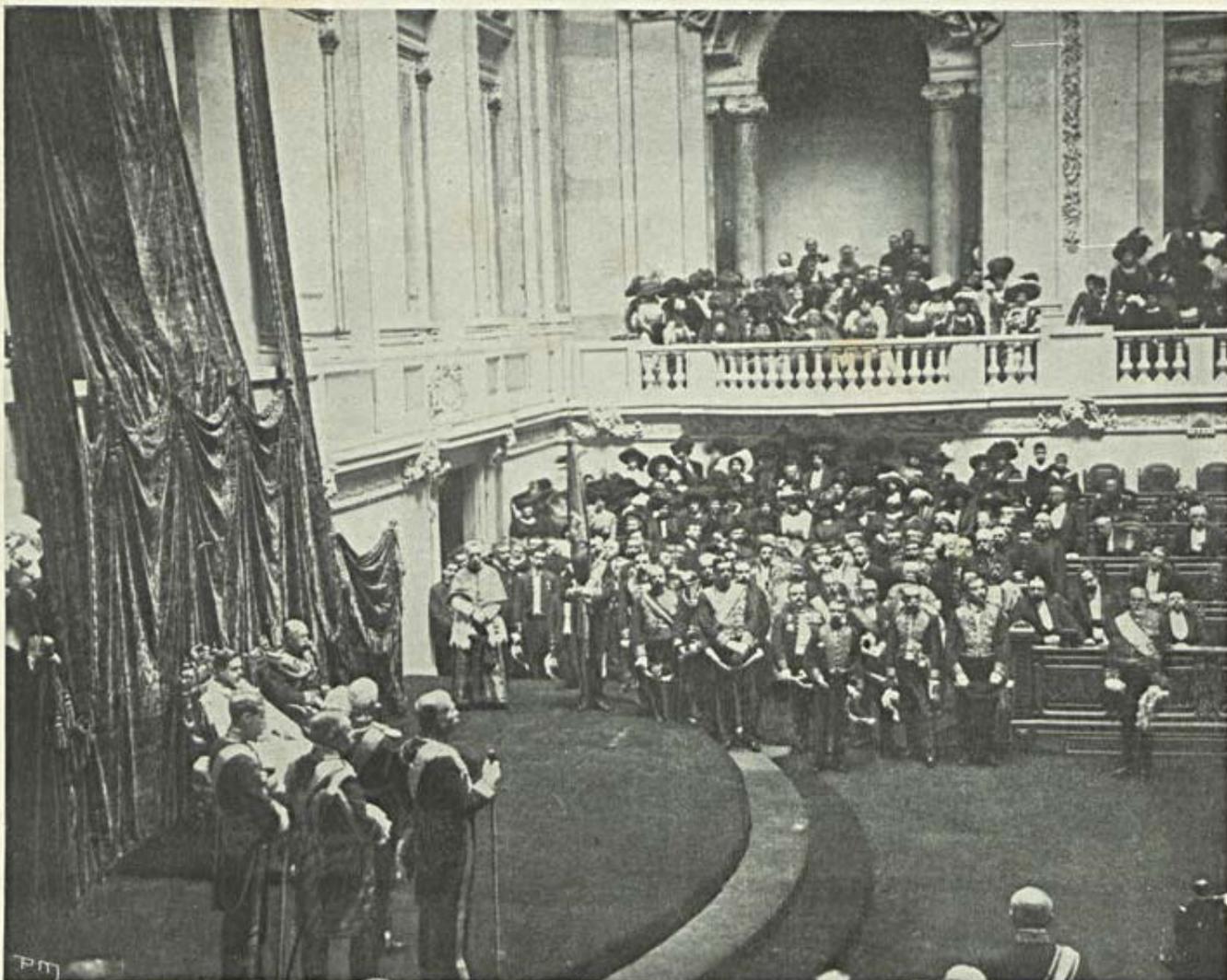
Influenciado pelas leituras que fizera durante o exilio em França e Inglaterra, onde então o romantismo estava florescente, começou a escrever artigos de critica e historia n'um jornal do Porto, intitulado *Repositorio litterario*. Alcançou o logar de segundo bibliothecario nos archivos d'essa cidade. Passou mais tarde a Lisboa, onde collaborou na *Revolução de Setembro*; e escreveu o opusculo *A Voz do Propheta*, em que apostrophava acerbamente os politicos do tempo, que mais cuidavam das suas ambições, que dos interesses do paiz. Foi convidado n'essa occasião por el-rei D. Fernando para seu bibliothecario, cargo que aceitou.

Entrou, então, na sua segunda phase, dando começo á obra que havia de perpetuar-lhe o nome. Publicou no *Panorama* os seus romances — *Arrhas por fóro de Hespanha* e o *Bobo*, conjuntamente com as traducções do *Canto do Cossaco* de Beranger, e do *Cão do Louvre* de Casimir Delavigne. Depois — *O Monasticon*, de que fazem parte o *Eurico*, em que nos descreve o agonisar da monarchia visigothica e cuja figura primacial é assombrosa, e o *Monge de Cistér*, onde nos pinta com as mais vivas cores e com uma minucia de detalhes todo o reinado de D. João I. Escreveu, a par d'estes, muitos outros episodios, como o *Alcaide de Santarem*, *Castello de Faria* e *A Abobad*, que mais tarde reuniu em volumes, sob o titulo — *Lendas e Narrativas*. Collaborou, tambem, na *Illustração*, *Revista Universal*, *Mosaico*, *Memorias do Conservatorio*, etc. etc.

A *Historia de Portugal*, que abrange os primeiros reis, é a sua obra capital, que lhe valeu o ser apodado de *atheu* pelo clero, por negar a lenda do milagre de Ourique referente a Affonso Henriques. Elle, — atheu! O homem que na *Semana Santa* escrevera:

Eu não! — eu não escravo; eu creio e espero  
 No Deus das almas generosas, puras,  
 E os despotas maldigo. — Entendimento  
 Bronco, lançado em seculo fundido  
 Na servidão do gozo ataviada.  
 Creio que Deus é Deus, e os homens livres!

### Juramento do Senhor D. Affonso como herdeiro presumptivo do throno perante as côrtes geraes reunidas em 18 de março de 1910



(Cliché de A. C. Lima).

Aspecto da cerimonia



Juramento do Senhor D. Affonso perante as côrtes geraes como herdeiro presumptivo do throno

(Cliché de J. Benoliel)

*O cortejo dirigindo-se para o parlamento*

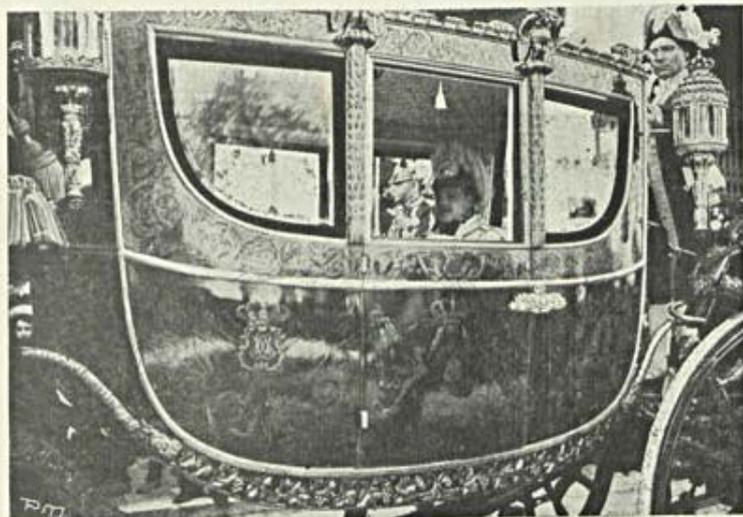
A's imprecações do clero respondeu com uma carta violenta dirigida ao Patriarcha de Lisboa — *Eu e o Clero*, que levantou grande celeuma... Fez em seguida publicar a *Historia e origens da Inquisição em Portugal*. Dirigiu, por commissão da Academia Real das Sciencias, a publicação *Portugaliae monumenta historica*, percorrendo então todos os archivos e bibliothecas do reino, colhendo elementos para a sua obra. Abandonou estes trabalhos, por ter o governo nomeado guarda mór da Torre do Tombo um homem com quem se desaviara na Academia. Passado um anno, aposentado esse funcionario, recommçou as suas pesquisas, abandonando-as definitivamente no anno de 1867, em que partiu para a quinta de Valle de Lobos, onde o visitou algumas vezes o imperador D. Pedro II do Brasil. Dedicou se então exclusivamente á agricultura, fazendo fabricar o azeite de prato, que era por completo desconhecido em Portugal.

Falleceu em setembro de 1877.

Eis, resumidamente, os traços geraes do caracter e da obra do homem a quem a nação inteira presta no momento actual o devido culto.

Que a sua memoria illustre sirva de incentivo a todos os portuguezes, para amarem e servirem a Patria!...

M. Ruy dos Santos.



Juramento do Senhor D. Affonso perante as côrtes geraes como herdeiro presumptivo do throno

*A carruagem da corôa conduzindo El-Rei*

(Cliché de A. C. Lima).



Juramento do Senhor D. Affonso perante as côrtes geraes como herdeiro presumptivo do throno

*Sua alteza sahindo da Sé depois do «Te-Deum»*

(Cliché de A. C. Lima).



Amo-te, oh cruz, no vertice firmada  
De esplendidas egrejas,  
Amo-te quando á noite, sobre a campa,  
Juncto ao cypreste alvejas;  
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
As preces te rodeiam;  
Amo-te quando em prestito festivo  
As multidões te hasteiam;  
Amo-te erguida no cruseiro antigo,  
No adro do presbyterio,  
Ou quando o morto, impressa no ataúde,  
Guias ao cemiterio;  
Amo-te, oh cruz, até, quando no valle  
Negrejas triste e só,  
Núncia do crime, a que deveu a terra  
Do assassinado o pó:

.....  
E eu te encontrei, n'um alcantil agreste,  
meia-quebrada, oh cruz. Sósinha estavas  
Ao pôr do sol, e ao elevar-se a lua  
Detrás do calvo cerro. A soledade  
não te pode valer a mão impia,  
Que te ferio sem dó. As linhas puras  
Do teu perfil, falhadas, tortuosas,  
oh mutilada cruz, falam de um crime  
Sacrilégio, brutal e ao impio inutil!  
A tua sombra estampa-se no solo,  
Como a sombra do antigo monumento,  
Que o tempo quasi derrocou, truncada  
no pedestal musgoso, em que te ergueram  
nossos avós, eu me assentei. Ao longe,  
Do presbyterio rustico mandava  
O sino os simples sons pelas quebradas  
Da cordilheira, annunciando o instante  
Da *Ave-Maria*; da oração singela,  
mas solemne, mas sancta, em que a voz do homem  
Se mistura nos canticos saudosos,  
Que a natureza envia ao céu no extremo  
Raio de sol, passando fugitivo  
na tangente d'este orbe, ao qual trouxeste  
Liberdade e progresso, e que te paga  
Com a injuria e o desprezo, e que te inveja  
Até, na solidão, o esquecimento!

.....  
Foi da sciencia incredula o sectario,  
Acaso, oh cruz da serra, o que na face  
Affrontas te gravou com mão profusa?  
não! Foi o homem do povo, a quem consolo  
na miseria e na dôr constante has sido  
Por bem dezoito seculos: foi esse  
Por cujo amor surgias qual remorso  
nos sonhos do abastado ou do tyranno,  
Bradando — *esmola!* a um —;  *piedade!* ao outro.

Oh cruz, se desde o Golgotha não fôras  
Symbolo eterno de uma crença eterna;  
Se a nossa fé em ti fosse mantida,  
Dos oppressos de outr'ora os livres netos  
Por sua ingratição dignos de opprobrio,  
Se não te amassem, ainda assim seriam.  
Mas és núncia do céu, e elles te insultam,  
Esquecidos das lagrimas perennes  
Por trinta gerações, que guarda a campa,

Vertidas a teus pés nos dias torvos  
Do seu viver d'escravidão! Deslumbram-se  
De que, se a paz domestica, a pureza  
Do leito conjugal bruta violencia  
não vai contaminar, se a filha virgem  
Do humilde camponez não é ludibrio  
Do opulento, do nobre, oh cruz, t'o devem;  
Que por ti o cultor de ferteis campos  
colhe tranquillo da fadiga o premio,  
Sem que a voz d'um senhor, qual d'antes, dura  
Lhe diga — «é meu, e és meu! A mim deleites,  
Liberdade, abundancia: a ti, escravo,  
O trabalho, a miseria, unido á terra,  
Que o suor d'essa fronte fertiliza,  
Emquanto, em dia de furor ou tédio,  
não me apraz com teus restos fecundá-la.»

Quando calada a humanidade ouvia  
Este atroz blasphemar, tu te elevaste  
Lá do oriente, oh cruz, envolta em gloria,  
E bradaste, tremendo, ao forte, ao rico...  
«mentira!» e o servo alevantou os olhos,  
Onde a esperanza scintillava, a medo,  
E viu as faces do senhor retintas  
Em pallidez mortal, e errar-lhe a vista  
Trépida, vaga. A cruz no céu do oriente  
Da liberdade annunciara a vinda.

Debalde o servo ingrato  
No pó te derribou  
E os restos te insultou,  
Oh veneranda cruz:

Embora eu te não veja  
Neste ermo pedestal,  
E's sancta, és immortal;  
Tu és a minha luz!

Nas almas generosas  
Gravou-te a mão de Deus  
E, á noite, fez nos céos  
Teu vulto scintillar.

Os raios das estrellas  
Cruzam o seu fulgor;  
Nas horas do furor  
As vagas cruzam o mar

Os ramos enlaçados  
Do robre, choupo e til,  
Cruzando em modos mil,  
Se vão entretecer.

Ferido, abre o guerreiro  
Os braços, solta um ai,  
Pára, vacilla, e cái  
Para não mais se erguer.

Crusado aperta ao seio  
A mãe o filho seu,  
Que busca, mal nasceu,  
Fontes de vida e amor.

Surges, symbolo eterno,  
No céu, na terra e mar,  
Do forte no expirar,  
E do viver no alvor!

Alexandre Herculano.



# Alexandre Herculano

*Poesia recitada pelo actor Brazão, no theatro de D. Maria II, na noite de 4 de dezembro de 1877, em que se celebrou homenagem á memoria do grande historiador*

*N'esta noite memoravel representou-se o Bobo de Herculano, e, por convite, assistiram ao espectáculo El-Rei, o governo, a Academia das Sciencias, a Associação dos Jornalistas e outras collectividades.*

Nunca vistes em noite horrenda e tenebrosa  
Ao forte sibilar do rijo furacão,  
Dos pinaros cahir a aguia aventureira,  
Ou ser como um caniço arremessado ao chão  
O senhor da floresta, o roble viridente,  
A cuja magestade, impotentés e tristes  
Os seculos viris tinham curvado a frente?

Dizei-me, nunca vistes  
Uma pedra gigante, immensa, colossal,  
Tombar do alto da serra,  
Rolar por sobre o abysmo e aprofundar a terra  
Com o choque violento?  
Conheceis por ventura algum ruido igual  
Ao da grossa enxurrada em seu desabamento?

Pois nem o despenhar das aguas torrencias;  
Nem a furia brutal dos grandes vendavaes;  
Nem o rude baquear d'athleticas montanhas;  
Nem a fera explosão das coleras de Deus,  
Quando de subito abre as rubidas entranhas  
Na vastidão dos céos;  
Nem o embate febril de tumultuarios mundos;  
Nem o toscos rugir dos vagalhões profundos,  
É capaz de fazer ruido semelhante  
Ao que faz sobre a terra a queda d'um gigante!

Mas, ó lei providente e sabia da materia!  
Quando o corpo cae por terra fulminado  
Que o espirito percorre a vastidão siderea.  
A alma resplandece, esvae-se o inanimado;  
Tomba o homem no pó, alevanta-se o heroe.  
E o vulto gigantesco e varonil da Historia,  
Quando mais tarde encontra os nomes immortaes,  
Dá-lhes o resplendor dos fulgidos crystaes,  
Arranca-lhes o bronze, e impavido constroe  
A estatua colossal de toda a nossa gloria!

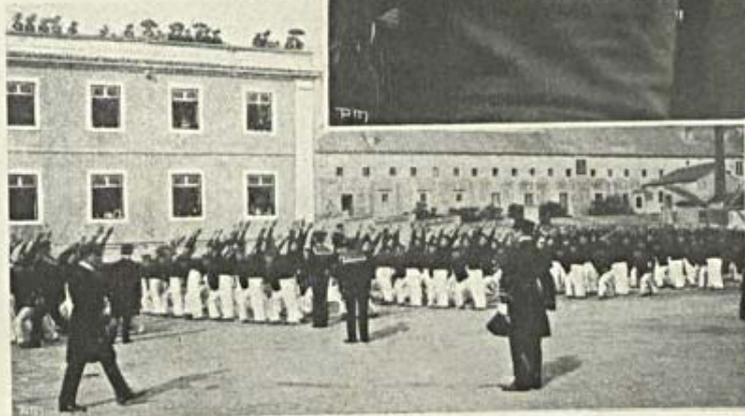
## Festa

NO

## Quartel

DOS

## Marinheiros



Exercicios de gymnastica sueca

Elle ergue-se de pé. Fitae-lhe a magestade.  
Attrae aquelle abysmo, aquelle sol deslumbra!  
Desejaes arrancar a fronte, da penumbra?  
Basta que vos banheis n'aquella claridade.

Olhae para o colosso, examinae-lhe o vulto,  
Purificado já na luz da sepultura.

Não se vos afigura  
Que bate um craneo e pulsa um coração occulto  
N'esse cadaver frio? um coração que tem  
As meigas vibrações suavissimas do bem.  
E a grande rigidez dos corações antigos?  
Que nunca se dobrou ao vento da vaidade  
Como no campo os trigos,  
Quando o sopro do norte indomito os agita?!

Abriu-se dentro d'elle o óvulo da verdade,  
Nem um só coração aquelle excede ou imita.  
Tem a vasta amplidão olympica do céu,  
E as convulsões do mar pathetico e profundo!  
Sente-se latejar. Alevantae-lhe o véo;  
Vêde como s'espraia e se revolve um mundo!

Ha lá dentro vulcões, rochas, encruzilhadas,  
Abobadas de luz e fundos subterraneos.  
Ora despontam lá idyllios d'alvoradas,  
Ora se escuta o surdo esmagalhar de craneos!

Aqui remoinha a vaga em seu furor insano;  
Sente-se ao longe uivar sinistramente o lobo;  
Estorce-se de dôr um sórdido tyranno;  
Rebenta a gargalhada estridula d'um bobo!

Um monumento aqui, além avulta um pico.  
Fustiga a escuridão da aurora o rosicler.  
Cruzam-se armas no ar. O chão de sangue é tinto  
Fere-se uma batalha enorme, gigantesca;  
E então, no meio d'este horrivel labyrintho,  
Ouve-se, de repente, um grito de mulher  
Que mais parece vir d'uma visão dantesca:  
E' Hermengarda que pede a protecção d'Eurico!

O vulto d'Herculano ergue-se magestoso.  
Não o turbam sequer os rudes escarcéus.  
Arde n'aquella fronte o facho victorioso!  
N'aquella peito bate o coração de Deus!...



El-Rei entregando o premio  
ao vencedor  
dos saltos em altura

Decorreu com o maior brilho a festa realisada na parada do quartel dos marinheiros na tarde de 16 do mez findo e na qual tomaram parte 250 praças da armada. A festa constou de saltos em altura, esgrima de bayoneta, lucha de tracção, corridas de tres pernas, lançamento de bala, etc. Uma das nossas gravuras representa El-Rei entregando o premio ao vencedor dos saltos em altura o grumete n.º 6866, Antonio Rodrigues.

## A viagem do cruzador «S. Gabriel»

E no intanto esse morto que não morre  
Foi um dia cuspidor, ensanguentado.  
Viú-se este caso estranho: a bronzea torre  
Fendida por um mocho tonsurado!

O abutre devorando triunfante  
As entranhas do heroico Prometheu!  
A noite contra a aurora. O pygmea  
Esfofeteando a face do gigante!

E porquê? porque elle era meigo e austero  
E bom e varonil; porque elle um dia  
Ergueu-se resolutor e disse: eu quero  
Que tenha Portugal, na romaria  
Da civilização, logar honroso,  
E seja dos primeiros na cruzada  
Do progresso; por que elle aprofundou  
O abysmo do passado tenebroso  
E fez raiar lá dentro a madrugada;  
Por que elle igual ao vulto de Guizot,  
Abriu caminho ás gerações modernas;  
Poz archotes ao fundo das cavernas,



Em Buenos Aires

Largada do vapor Rivadavia, do costado do S. Gabriel



A viagem do cruzador «S. Gabriel». — Excursionistas a bordo do Rivadavia

Accendendo-os á luz da natureza;  
Victimas defendeu, marcou tyrannos,  
E depois d'um trabalho de vinte annos,  
Organisou a Historia portugueza!

Amante da verdade, em seu rigor austero,  
Não poupou a batina, assignalou o clero  
Que temendo soffrer mais tarde a maldição  
Disse: «animo afinal, que o homem tem razão.  
É mister que essa nau — a Historia — vá a pique;  
Lancemos-lhe esta bala — o Milagre d'Ourique.»

Hoje que a sua gloria enorme se disputa,  
E se olvidou de todo a rancorosa lucta,  
Vêde! lance o olhar em torno a vós, senhores,  
Vós mesmos não sereis os variados elos  
D'esse longo cordão de maguas e de dôres,  
Que elle formára quando á luz fechava os olhos  
Brilhantes, virginaes, extranhamente bellos?!

Não vos parece ver mudadas em abrolhos  
As rosas ideaes que o grande jardineiro  
Com tanto amor plantára em vossos corações?!  
Pois não sentis que a mão rugosa de Janeiro  
Se apraz em arrancar pungentes vibrações  
À lyra da nossa alma apaixonada e triste?!  
Da voz do camponez ao estro do poeta;  
De quanto vae da terra á luminosa méta,  
Dizei-me se ha um echo  
Que não seja o da dôr que em nosso peito assiste?!

São consoladoras as noticias que nos chegam de todos os pontos onde tem tocado o nosso cruzador S. Gabriel. Essas noticias, ao mesmo tempo que mais uma vez confirmam que a nossa marinha sabe sempre manter as suas nobres tradições, demonstram-nos que o portuguez é sempre o mesmo, sempre amigo da sua patria, e ainda mais patriota quando vive em paizes estrangeiros e distantes da sua terra natal. O bom acolhimento feito aos nossos officiaes e marinheiros pelas diversas colonias portuguezas espalhadas pelo caminho já percorrido pelo S. Gabriel, constitue como que uma manifestação de força — visto que a maior força das nações reside sempre no espirito patriotico em grau mais ou menos elevado dos seus filhos.

As nossas gravuras feitas sobre photographias que de Buenos Aires nos foram enviadas pelo nosso dedicadissimo correspondente, sr. Ernesto Quadrio, referem-se á excursão que d'aquella cidade se effectuou á cidade de Colonia, na Republica Oriental do Uruguay, a bordo do Rivadavia, gentilmente posto á disposição da commissão de festejos pela empresa Mihanovich.

No Rivadavia, um magnifico vapor, embarcaram cerca de cem pessoas, vendo-se entre ellas o nosso ministro na Argentina, sr. visconde de Meyrelles, muitas senhoras da colonia portugueza, a officialidade do cruzador e setenta praças da sua guarnição.

Em Colonia assistiram os excursionistas a uma tourada realisada em sua honra.



A viagem do cruzador «S. Gabriel». — A bordo do Rivadavia: Os srs. Mihanovich, visconde de Meyrelles, Miguel Vasconcellos Porto e ao fundo o commandante do S. Gabriel

Mas, respondei também, artistas do futuro,  
 Ah! (como isto realça o nosso nome obscuro!)  
 Dizei vós se o trovão em seu ribombo enorme;  
 Se a ventania agreste em seu rugido secco;  
 Se a ave quando deixa os astros onde dorme;  
 Se o maestro que rege a orchestra matinal;  
 E se o rude bramir selvatico do Oceano  
 Não levantam ao *Genio* o magestoso hymno,  
 Quando entãdam n'um côro unisono, divino,  
 Um nome colossal,  
 O nome de Herculano?!

JAYME VICTOR.

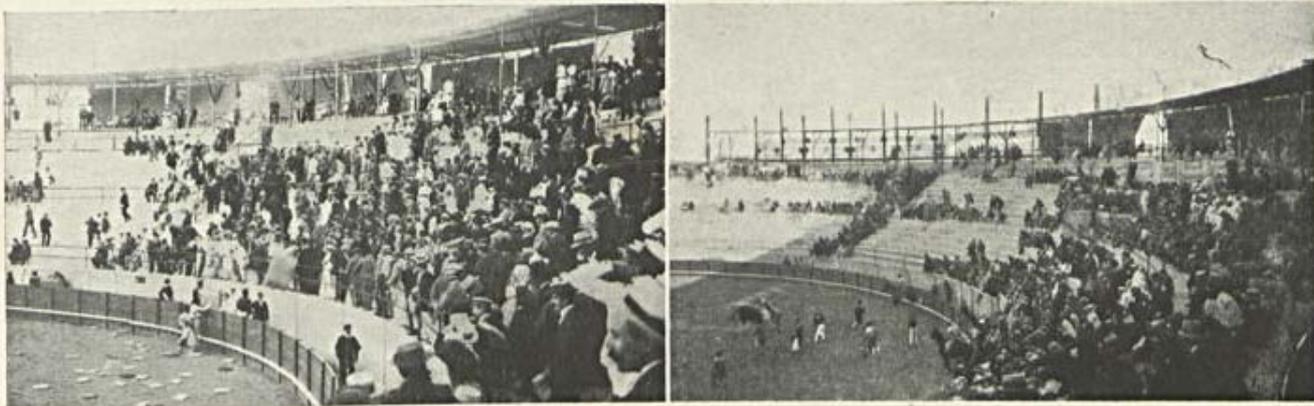
anos que exercia, sob a direcção do pae, as funções de carrasco de Paris.

A primeira victima da guilhotina foi Jacques Nicolau Pelletier. No dia 25 de abril de 1692 caiu a sua cabeça na Praça da Grève, pelo crime de ladrão.

Na occasião da primeira experiéncia, que foi feita no pateo de Bicêtre, o cutello prendeu no pescoço do ultimo cadaver, sendo preciso separar-lhe a cabeça do corpo com uma faca, o que de algum modo desgostou Guillotin.

O rei ouviu falar d'isto e quiz ver o desenho da machina, o qual examinou com attenção e disse:

— O defeito está aqui: o cutello, em lugar de ser em fôrma de



A viagem do cruzador «S. Gabriel». — A tourada em Colonia — Aspecto, da praça de touros

## A guilhotina

A guilhotina foi experimentada a primeira vez em Paris, em 3 cadaveres que vieram do hospital no dia 17 de abril de 1792, assistindo varias pessoas, entre as quaes estava o inventor José Ignacio Guillotin, e o dr. Luiz, medico do rei.

O carpinteiro que armou a machina chamava-se Guidon. O carrasco, que n'essa epoca tinha 50 a 55 annos, chamava-se Carlos Luiz Sansão, tinha nascido a 15 de fevereiro de 1738, e havia 20

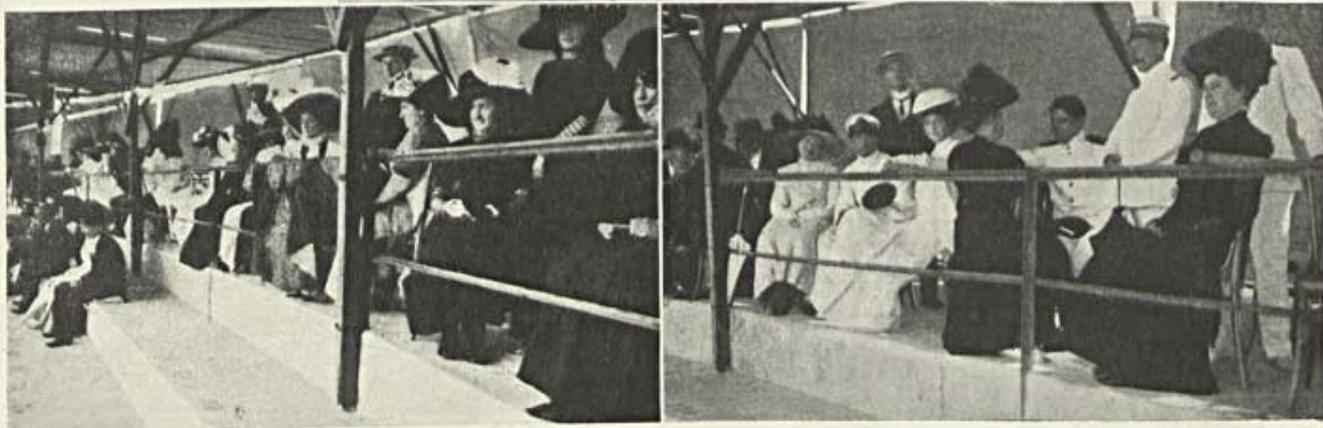
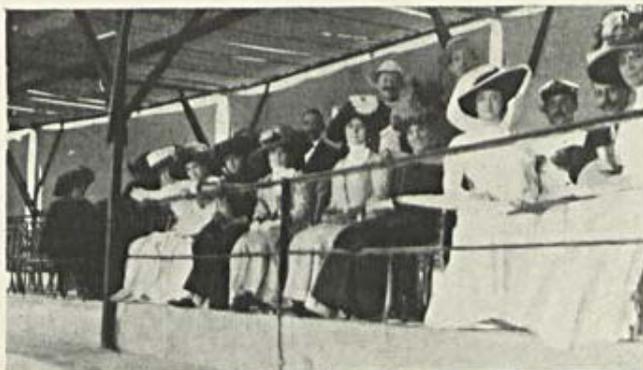
annos, devia ser de fôrma triangular, e desigual como uma serra, — e juntando o exemplo á demonstração pegou n'uma penna e desenhou o instrumento como elle o entendia.

Nove mezes depois a cabeça do desventurado Luiz XVI cahia debaixo do ferro que elle proprio tinha desenhado.

O medico francez Guillotin, auctor do famoso instrumento de que falamos, viveu de 1738 a 1815, dizendo uns que perecera na guilhotina, affirmando porém outros ser isso inexacto.

A' noite tudo é de fogo, as estrellas, os pensamentos e as lagrimas.

Carmen Sylva.



A viagem do cruzador «S. Gabriel». — A tourada em Colonia — Camarotes occupados pelas senhoras da colonia portugueza, officiaes do cruzador e convidados



Depois de tanto tempo a usar collarinhos altos voltam novamente este anno as blusas e os vestidos sem gola. Alguns mesmo a meio decote com manga comprida. E outros, de manga rufada em tres ou quatro franzidos, como tanto se usaram ha oito ou dez annos. Estamos em plena confusão. As modas são de tal modo variadas que se não pôde dizer, com verdade, ser este ou aquelle o mo-



Toilettes para recepção e visitas

delo consagrado. — E n'este sentido o melhor é procurar, no meio do chaos, o que melhor se adaptar á figura de cada pessoa.

As saias voltam a usar-se com mais roda e tudo faz prever que em pouco tempo se usem rodadas e mesmo cheias de folhos como se usaram já. Os vestidos com braceletas estão este anno muito em moda tambem. Um dos modelos mais elegantes da estação trazia as applicações feitas com bordado inglez e a segunda saia com uma volta igual do mesmo bordado.

A blusa era em tulle grosso creme, lavrado, e gola voltada descobrindo o pescoço.

Os plissés em gaze ou em seda usam-se tambem muito, nas blusas, nos jabots, nas mangas e nas golas. Plissés em seda fina ser-

vem de guarnição aos elegantes vestidos de voile, tão uteis para a noite em praias e thermas.

O setim maravilhoso produz tambem um lindo effeito nas blusas, enfeitadas com galões de contas e camisinha de tulle *pailleté*. O cinto alto. Os corpos vão lentamente voltando á antiga e sendo quasi certo terem, no fim da estação, deixado de usar-se os grandes espartilhos compridos.

As luvas continuam em moda, embora as elegantes, possuindo-ras de lindas mãos e ricos anneis, queiram pô-las de parte.

Nas creanças, vão apparecer lindos modelos este anno — modelos que pouco a pouco iremos mostrando ás nossas leitoras.

Estão muito adoptados os grandes laços em todas as cabeças infantis, laços em fita *liberty* e geralmente da côr dos vestidos, meias e sapatos.

As capas e os casacos tanto em creanças como em senhoras, usam-se compridos, sendo exclusivamente para agasalhar. E são indispensaveis, sendo leves, mesmo no verão, com as blusas de renda, os vestidos decotados e os braços nus...



## RESPOSTAS

*Pepita C.* — Gentilissima a sua carta.

E sobre a pergunta di-rei que nem tudo *que luz é oiro!*

Preste um bocadinho de attenção e verá.

*Ludovina.* — Sabe que não acho razão para tanto? Essa fraqueza do *ciume* é diabolica e deprimente. A tempo é que é *ter ou não ter* confiança, e... *Casar ou não casar!* São casos, esses, em que não deve haver pressa!

Uma das casadas mais felizes que eu conheci, casou aos trinta e sete annos; estava muito bonita ainda e foi felicissima! Isto é a verdade. Em certas edades não sabe cada um o que quer; mais tarde succede muitas vezes isso... quanto mais assim!... Espere, espere... que lá chegará! E sobre tudo perca essa cousa do *ciume*... Se a creatura sabe... foge!... E foge muito bem! *foge a tempo!*...

*Cyranno.* — Ainda está d'esse lado? Pois faz mal. E' *apresentar-se*; e sobretudo deixar-se de *Christianos!*

*Maladetta.* — Crédo! O nome assusta! Não pense n'isso! Prepare o seu espirito para uma *vida inteira*. Para em *todas as edades ser nova e ser boa!* A bondade, ainda é o melhor dote que uma creatura possue, e a faz pairar acima de todas as miserias da vida! O sorriso dos bons não se confunde.

*Emerenciana.* — Não posso dizer nada a esse respeito! Um bom medico é que pôde intervir no assumpto. Talvez o caso não seja tão feio como lhe parece.

*Louquinha, C. B.* — E' modestia! E' modestia!



Vestido para casa, em zephyr de phantasia

Muito interessante é que me parece! Acho magnifico o livro e enviar-lhe hei a nota que pede. Considere-se felicissima onde está, e segure com as duas mãos a sua felicidade!

*Lu.* — Sim, talvez! No primeiro ponto, acho acertadissimo: no outro não. Póde mesmo ser perigoso! E' melhor recuar, a troco de tudo! Só ha de ter a felicitar se por isso! Não vale a pena correr o risco!

*Delmira.* — Na vida alheia é sempre *pessimo* uma pessoa metter-se! Só para valer em um caso excepcional, para prestar um serviço, emfim! Mas para *falar, censurar, dizer*, acho de um gosto detestavel. Torna a pessoa desagradavel, feia, inconveniente e aborrecida! Salve-se! A *maldicencia* não tomaria o incremento que toma, se cada pessoa fizesse, diariamente, *exame de consciencia*! E depois de o fazer, olhasse *para deante, para tras e para os lados*! Eu só o que admiro é a paciencia com que perdem o tempo, *pensando* em pessoas e coisas aborrecidas; podendo empregar o bem! Até para os ociosos que não sabem, não querem, ou não podem trabalhar, ha o grande refugio de olhar para as flores e para o céu!

Que dó!

*De longe.* — Sim, minha senhora. Póde fazer-se. Mande pelo correio o resto.

E' maravilhoso!

*Maria.* — Se v. ex.<sup>a</sup> attender ao que dizem, não faz nada!

Tem bom juiz na sua consciencia; e acho nobilissimo esse procedimento! Consagrar o seu tempo ao *bem das almas* é sublime!

*Elmano.* — O juizo é temerario.

Veja bem a origem. Applique ao seu caso aquelle ditado antigo: *O mundo nos vé e Deus nos conhece.*

*D. Magdalena.* — Por enquanto não. E' possivel mais tarde!

Vestido de-payno setim heliotrope em blusa russa

Sobre professores, nada posso dizer aqui, pelos motivos já expostos.

Pelo correio, se v. ex.<sup>a</sup> me indicar *para onde*, direi a minha opinião que póde não ser a melhor.

Um vestido nas condições que v. ex.<sup>a</sup> deseja fica-lhe muito caro. E é preferivel branco!

*Lucinda. L.* — Muito gentil! e se continuar talvez se não arrependa e já muito longe; isto dito com a sinceridade que as minhas amigas bem conhecem.

*J. C. O. C. M.* — Acho incomprehensivel a sua carta. Peço-lhe que defina *melhor as coisas* e se *me entender* com ellas, responderei. Ha immenso tempo que desejo estudar esse assumpto. Mas não lhe vejo ar de o conseguir E' difficil! Entretanto depois da sua carta verei o que *se arranja*.

*Isabel.* — O melhor presente para uma creança é sempre uma *boneca*! Ainda que ella a parta! Mas é sua; agradou-lhe, captivou-a n'aquelle momento e... não lhe esquece.

*Julia.* — O mais depressa possivel. Não demore v. ex.<sup>a</sup> o *expediente*.

Acho essa uma causa superior a todas as outras em que me tem falado!

*Helena Luiza.* — Quando quizer. Previna, porém com um dia de antecedencia. Parece-me que tem remedio.

*D. Luz.* — Póde v. ex.<sup>a</sup> estar certa de que a carta é queimada logo. Foi o que succedeu a esta a que respondo. A primeira coisa que v. ex.<sup>a</sup> tem a considerar é o feio da pessoa e a sua educação! A maior desgraça n'um casal é a differença de principios! — Acho capital essa differença! — Os genios podem, ás vezes, modificar-se, com mais ou menos arte, entender-se; mas o mais... é terrivel!

Tanto para o marido como para a mulher.

Os homens não são mais felizes! E o mais civilizado, n'um casal, é sempre quem mais *soffre*. O mais civilizado ou o melhor!

*Luibyo.* — Africa. Muito me lembro de si!

*Eca.* — Um sorriso, *n'essa altura*, é a melhor resposta a dar!

*Branca.* — *L. Algarce.* — Póde estar innocente, creia. Se tudo o que *se diz* fôsse verdade!

*Vér; vér e...* sobretudo conhecer as pessoas!

Quantas creaturas ficariam inconsolaveis, se conhecessem as pessoas de quem tantos *dizem mal*!

São *echos dos espiritos maus*.

Investigue v. ex.<sup>a</sup> e verá. A minha opinião leal e desapaixonada, é de que está *innocente*.

E o tempo lh'o provará.

Dizem-lhe essas coisas por maldade. E attende-las é dar gosto!

*Maria Amelia.* — Remetti logo no correio d'esse dia. Deve ter recebido e juntamente a resposta detalhada de tudo.

Acho bonitas as artes todas! mas cada um deve dedicar-se áquella para que tiver mais aptidão e aperfeiçoar se! — Tocar mal em *mil notas*, não vale a pena!

Achei lindo o esboço.

*Maria Thereza.* — Uma virtude não faz perder a outra; junta-se a ella!

Ensinar sem aspereza, é uma grande virtude.

E vencer, *sem orgulho*, ainda é virtude maior. Póde v. ex.<sup>a</sup> considerar-se felicissima em possuir estes dons.



Fatinho de alpaca azul

Vestido de voile branco

*Evelina.* — O melhor de tudo é contemporisar. — N'essa idade que longa vida poderá ella ter? E um bocadinho de paciencia vale tudo, em certos casos!

*Bertha — Porto.* — Por se fazer um peccado não se hão de fazer todos!

*Bertha — Lisboa.* — Esquecer é o melhor. Não lhe dá remedio. E demais quer que lhe dê a minha opinião sincera? Recordar casos d'esses, é tornar a peccar! Não vale a pena!

*Magdalena — Lisboa.* — Nem tudo o que se sente se póde exprimir...

E quanto mais uma pessoa *soffre* ás vezes... menos póde falar. Não lhe dê isso cuidado.

Sobre o resto: — parece-me que sim.



O rei de Hespanha D. Affonso XIII e seus filhos o principe das Asturias, soldado do regimento de El-Rei, e D. Jayme, soldado do 4.º regimento ligeiro de artilharia



## Theatros

### Santa Inquisição

Rostand que fez o *Cyrano* é o auctor do *Chantecler*. E' auctor da *Santa Inquisição* o sr. Julio Dantas que fez *O que morreu d'amor*. A fama conquistada e mil incidentes decorridos, antes e depois da morte de Coquelin, deram á primeira representação do *Chantecler* um reclamo colossal, mundial. O nome do artista da *Ceia dos cardeaes* e quanto cá por fóra se dizia da peça que ia subir á scena teem dado ao theatro de D. Amélia enchenes successivas. Não teve um exito ruidoso, mas um *successo d'estima* a exotica peça de Rostand. Só de uma parte facciosa do publico portuguez tem recebido applausos o novo original do sr. Dantas. Em França dividiu-se profundamente a critica. Para uns o *Chantecler* era uma obra prima de litteratura e de theatro. Para outros uma obra torturada, e peor do que isso, uma mystificação feita ao publico. Em Portugal — já podemos dizel-o porque estamos escrevendo a bastantes dias decorridos sobre a *première* — o sr. Julio Dantas, na sua nova peça, é o *non plus ultra* da litteratura dramatica, attingiu proporções nunca até ahí attingidas. Para outros, porém, ella é a negação de todas as suas qualidades de poeta e a confirmação da sua incompetencia em tratar, no theatro, de assumptos que pertencem á Historia.

Ora, dadas as proporções estabelecidas por esta regra simples: o sr. Julio Dantas está para Rostand como Portugal está para a França, digam-nos onde ha mais perfeita analogia, onde com mais fundamentos se póde estabelecer uma paridade. E se ainda alguém duvida de que o acontecimento theatral de Paris teve com o de Lisboa pontos de similhaça flagrante, para dissipal-a medite primeiro e applique depois a ambos o conselho sentencioso e profundo d'aquelle aito critico francez que falando do *Chantecler* disse: "Póde o sr. Rostand gabar-se de ter conseguido um triumpho financeiro, mas não um triumpho moral."

Para o sr. Julio Dantas, nem moral nem litterario. A sua peça chama gente ao theatro, porquê? Porque sobre o valor d'ella se estabeleceram duas correntes oppostas. Porque appareceu num momento em que muitos utilisam e exploram todas as fórmas de pro-

testo contra o pretendido clericalismo. Porque, através de um errado criterio, os que combatem o cardeal inquisidor e os padres do Santo Officio no tablado do *D. Amélia* julgam estar apoiando o sr. Bombarda no seu furor anti-clerical. E ainda porque o titulo é puxavante; e os interrogatorios severos, as torturas moraes, e as scenas tetricas teem ainda hoje o condão de attrahir e arrastar multidões. Ha até quem lamente a falta de uma torturasinha physica, alli nas barbas do ponto, para dar mais picante aos appetitivos da sensibilidade.

Por conseguinte, as recitas succedem-se, o theatro enche-se, e o triumpho citado pelo critico de Paris... está conseguido, não ha duvida. E' caso para dar os parabens á empreza de um theatro, que não está acorrentado a programmas officiaes restrictos, e da qual o primeiro dever é administrar bem.

Merece o auctor da peça as mesmas felicitações por ter feito uma obra de arte e de consciencia litteraria? Ao acabar de escrever a phrase final, tão incomprehensivel como infeliz da *Santa Inquisição*, teve o sr. Julio Dantas aquelle suspiro consolador, compensador, de todo o artista, quando larga das suas mãos a obra emanada do seu coração, limada pelo seu cerebro, cem vezes aperfeiçoada pela sua arte? Aquella funda impressão de prazer satisfeito, de ideal attingido ao pôr na bôcca de um dos seus cardeaes o ultimo alexandrino da sua peça mais delicada, sentiu a por ventura a pôr o ponto final sobre essa phrase, que deveria apagar se ainda lhe fosse possivel: "para nos vingarmos da maldade humana vamos crear o nosso filho para inquisidor?"

Se esse pae, se essa mãe, que a Inquisição desgraçara, quizessem crear o filho para carrasco dos inquisidores, comprehende se: vingar-se-iam talvez da maldade humana. Mas creal-o para augmentar essa maldade, para continuar a obra do inquisidor, para fazer victimas como elles o são, é o que só poderá caber n'uma cabeça obtusa ou genial... visto que ainda no nosso tempo os extremos se tocam.

Não, ao auctor da *Santa Inquisição* não são devidos parabens sinceros. Mais os merece o auctor da *Sorcière* que no genero é uma obra prima. Que o diga Lucinda do Carmo quando ao amaldiçoar, em palavras trementes, na frente d'elles, os verdugos do Santo Officio, ouvia todas as noites palmas estrepitosas do publico ingenuo e impulsivo do Principe Real! E ha quantas dezenas de annos escreveu Sardou a sua peça! E quantas vezes no romance e no theatro teem sido reproduzidas as scenas de luxuria, ou de rapina, ou de tortura, da Inquisição? E desde que se inventaram os animatographos, quantos milhares de vezes as scenas inquisitoriaes teem desfilado aos olhos de todos os publicos, em todos os paizes?

Está por isso impedido um escriptor de tratar d'esse assumpto, como de tratar do adultério ou do divorcio, que sob milhares de aspectos teem sido tratados tambem no romance e no theatro? Por certo que não, comquanto já, ha muito, a Inquisição tenha dado a alma a Deus... ou ao diabo, e os adulterios e os divorcios continuem a estar... na ordem do dia.

Não somos comtudo d'aquelles que se julgam no direito de legislar sobre o caso e de marcarem balizas e até de impôrem ao dramaturgo o assumpto de que se ha de occupar. Pensamos, ao contrario, que todos lhe devem ser franqueados, comtanto que a escolha d'elles e á maneira de os tratar seja proporcional a sua responsabilidade moral e litteraria.

Como a vida antiga, tambem é atravessada de drama e tragedia a vida moderna. E' certo que não é facil nem vulgar surgir a qualquer canto um Eschillo, um Sophocles ou um Shakespeare, que á vibração actual dos nossos nervos, ás locubrações do nosso pensamento moderno, ao sentimento que nos couvulsiona, á peleja em que nos debatemos, dê a intensidade e o poder suggestivo com que esses genios do theatro, reproduzindo a vida antiga, sabiam arrebatá-los as multidões. Mas são honestas todas as tentativas, e com os processos mais diversos e nas mais divergentes fórmas de arte, Ibsen como Bernstein, por exemplo, merecem os mesmos applausos e o mesmo reconhecimento por tentarem resolver ou pelo menos enunciar os grandes problemas e as grandes luctas em que se debate a alma moderna. E' pois um campo aberto, um campo de combate, em que ainda nenhum bateu o *record*, e em que, aquelle que o conseguir marcará, na nossa época, um lugar em fóco, um posto de honra e de gloria. Não são menores as responsabilidades de quem se desvia d'aqui para o campo da Historia, que não exige menos arte, porque obriga a harmonisar a phantasia com a verdade, a tornar respiravel uma atmosphera que está fóra do nosso meio, a fazer nossas conhecidas e familiares personagens de nós distanciadas pelos seculos, a incutir no nosso *eu* sentimentos que não são nossos, a viver, em summa, uma vida de que a nossa já nada participa.

Como é que ao fazer a *Santa Inquisição* assumiu todas estas responsabilidades o sr. Julio Dantas?

Sob o ponto de vista philosophico, os fins, o ideal da instituição, nem ao de leve são tocados, como se os não tivesse abrangido — o que não podemos crer — a comprehensão do auctor, parecendo portanto que occulta-las foi um fim, o que é peor, visto que não abona o criterio moral.

Vejam que pasmosa differença! Hugo, o maior revolucionario da arte, o iconoclasta poderoso de todos os despotismos, de todas as crueldades, de todas as instituições que escravizam a vida humana e de todos os cue para os seus fins teem sacrificado a Humanidade. Hugo escreveu um drama *Torquemada* cujo protagonista é esse inquisidor terrivel. Julgam que o poeta supremo da bondade e do amor universal, o incomparavel artista das *Chansons des rues et des bois*, o vingador formidavel dos *Chatiments*, põe em scena o inquisidor mórf para lançar sobre elle os anathemas da multidão, e por conseguinte para alcançar mais alguns louros para a sua corôa de poeta e talvez mais... algumas lours para a sua bolsa? Não.

Victor Hugo, n'esse forte poema theatral põe Torquemada no seu logar e a Inquisição no seu tempo. Serve a sua phantasia, honra a arte e dignifica a Historia. Como a Egreja canonizou Torquemada, tambem elle, o poeta enorme, o canonisa litterariamente, philosophicamente. N'esse inquisidor sanguinario, que é a alma da Inquisição, colloca elle toda a crença, toda a philosophia d'essa instituição extincta, cuja decadencia foi assombrosamente repugnante. Todo o mysticismo de uma epoca fanatica põe elle no coração d'esse homem, que deante dos torturados exclama:

*Oh! comme j'ai souffert de vous voir dans les chambres  
De torture, criant, pleurant, tordant vos membres,  
Munis par l'étoilé d'airain, par le fer chaud!  
Vous voilà délivrés, partez, fuyez là-haut!  
Entrez au paradis!*

A Inquisição para o sr. Dantas está symbolisada n'um cardeal cachetico e devasso, personagem bifronte que até como figura theatral escapa a toda a observação, refractario ao sentimento e que contudo se extasia deante das grandes linhas da estatuaría, e das formas plasticas e bellas que Miguel Angelo e o Ticiano imprimiram aos seus modelos. É um luxurioso, que nem nas torturas phisicas já encontra appetitivo, que toma excitantes, e que accieita do medico conselhos absurdos, porque aconselhar a um homem que passou a vida a ser inquisidor, a torturar moralmente, que experimente como revulsivo a tortura moral exercida sobre o paciente, é coisa que não se percebe. D'este cardeal pode dizer-se que faz gala na miseria, porque se não peja de confessar deante dos seus familiares, dos seus subalternos do Santo Officio, todas as suas fraquezas, toda a sua devassidão, chegando ao porto, como um sultão, de fazer entrar, á vista de todos, as suas odaliscas!

Essa Inquisição de pacotilha para em tudo ser original até consegue desmentir o que nos vem da tradição. A outra, a que existiu de facto, abatia pelo terror, quando não fosse pelos tormentos, as naturezas mais rebeldes, os mais resistentes organismos. A

Officio, entregando-se a diversos, que aliena as sympathias que o publico dispensaria naturalmente a outra figura de mulher que com maior nobreza e menos leviandade procurasse salvar a sua honra e a vida dos seus filhos.

Por fim a Santa Inquisição não é tão má como a pintam, põe em liberdade a mulher, o marido e os filhos, e é n'essa altura que elle resolve trabalhar e viver para fazer o filho... inquisidor.

Ah! se a inquisição continuasse, e o sr. Julio Dantas fizesse outro drama a começar d'ahi, sempre quieramos ver em que assados elle se veria — sem epigramma á Inquisição que Deus haja — para demonstrar que o novo inquisidor vingava a maldade humana, de innocentes fazendo victimas como as tinha feito aquelle cardeal da peça — que por signal não existiu!

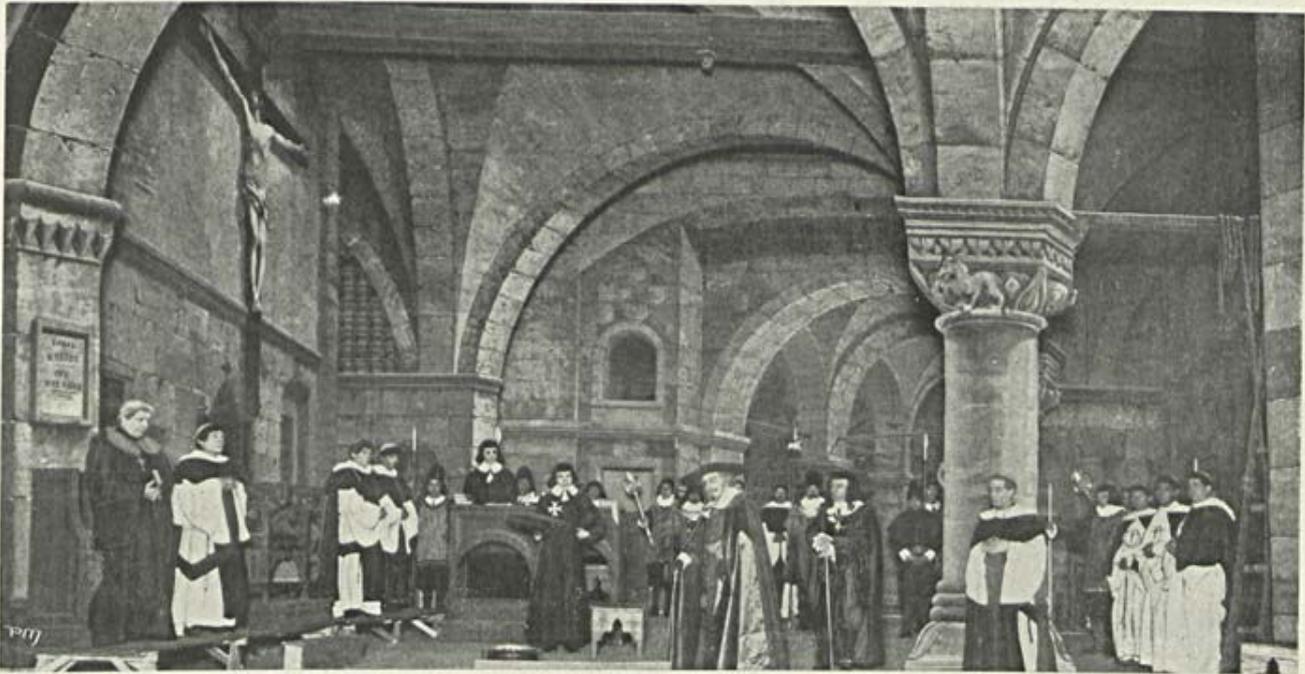
O sr. Julio Dantas, que é um alto espirito e um observador fino, sentirá decerto, no meio dos applausos partindo da parte do publico que menos deve lisongear os seus brios litterarios, que lhe corre o dever de pôr já mãos ao trabalho, traçando e escrevendo uma obra de theatro que apague as más impressões que esta deixou em alguns espiritos... talvez exigentes de mais, e que confirme superiormente os predicados valiosos do seu talento, que mais de uma vez temos exhaltado com a mesma sinceridade com que acabamos de traçar estas palavras.

JAYME VICTOR.

## A Moira de Silves

Depois de dezenove annos surgiu na mesma scena da **Trindade** essa moira encantada que fôra acolhida e aclamada por uma geração anterior á nossa, e enaltecida por escriptores illustres como Gervasio Lobato, Anselmo d'Andrade, Silva Pinto, Mello Barreto,

### THEATROS. — D. Amelia — Santa Inquisição



(Cenário de J. Benoitel.)

4.º acto

valentia e a coragem ficavam sempre á porta do carcere. Pois no Santo Officio do *D. Amelia*, á excepção de um velho judeu, quasi idiota, todos os presos, incluindo a mulher, que veem ao tribunal, e se defrontam com os seus juizes, todos elles ás perguntas de cabos de esquadra respondem como pimpões, com ares de quem está a varrer uma feira, espinha erguida, cabeça levantada, injurias a torto e a direito, e invectivas e pragas para os inquisidores e para os padres, que só por qualquer d'ellas, em tempos que já lá vão, não ficavam no corpo com um osso inteiro!

Bem se vê que estamos no theatro, e no anno da graça de 1910! Como acção dramatica a *Santa Inquisição* não tem novidade, nem originalidade. Tem um acto bem feito, o primeiro, pela intensidade das situações, rapidas e empolgantes. E é interessante o segundo pela entrada dos titeres, como apresentação de um costume pittoresco da epoca, não obstante ser pouco em demasia para exhibir aquelle periodo da vida nacional.

A figura principal da peça, a que mais soffre pela acção inquisitorial, a mulher do *hereje*, é um erro theatral. Prepara tão estrepitosamente a deshonra do marido preso nos carceres do Santo

Eduardo]Schwalbach, Campos Junior, e tantos outros, que em artigos firmados pelos seus nomes consideraram a *Moira de Silves*, de Lorjô Tavares, uma peça portugueza de lei, uma tentativa feliz, *réussie*, da opera comica portugueza.

E á medida que d'outras peças com menos direitos, menos popularizadas, representadas muito menos vezes, porque esta tivera sessenta representações ininterruptas, á medida que d'essas se faziam *reprises*, parece que havia o proposito de nunca mais desenterrar dos archivos a *Moira de Silves*, como se as empresas receassem fazel a defrontar com a critica e o publico depois dos triumphos conquistados pela musica allemã, depois de outros assumptos historicos terem sido explorados n'outras operetas, com outros processos.

Foi de opinião diversa o arrojado empresario o sr. Taveira e o exito alcançado estas noites pela *Moira de Silves* veiu dar-lhe razão.

A intensidade dramatica e a graça ligeira do *libretto*, o espirito de algumas phrases que corre paralelo com a vibração de algumas situações, o interesse da acção que atinge a sua culminancia no lance patriotico com que fecha o segundo acto, e que em todo o



João Guerreiro da Costa  
Auctor da musica d'«A Moira de Silves»



Lorjô Tavares  
Auctor do poema «A Moira de Silves»

terceiro dá a medida de uma grande technica theatral, o interesse que despertam as principaes figuras da opereta, como a Moira, o gageiro Pedro, Lua, a princeza Sol, Al-Mançor, Ali, Almandil, teem hoje o mesmo poder de levantar o publico, não menos prodigo em applausos que o de ha dezenove annos.

E, não obstante todos os progressos da musica, não obstante ter-se o ouvido habituado ás magistraes composições dos grandes maestros da opereta, o que é certo é que se encontra na partitura de Guerreiro, o talentoso e mallogrado compositor algarvio, um encanto original, uma suavidade delicada que corre parêlhas com a inspiração abundante, uma graça e melancolia nativa que á maravilha se casam com a dolencia, a graça, a vibração, e a acção do libretto.

A polonaise do 1.º acto, a marcha, a encantadora *preghiera* do se-

gundo e alguns numeros mais, applaudidos sempre, provam que no infeliz compositor havia o estofo opulento de um artista de raça que devia marcar um logar á parte entre os musicos do seu tempo, se a morte não viesse cortar-lhe os vôos da inspiração, e privá-lo de receber de um publico justo e entusiasta os triumphos pelo seu talento conquistados.

A *Moira de Silves* ganhou agora no desempenho, na *mise en scène* e no guarda roupa e teve ainda o feliz condão de reconduzir ao palco dois artistas como Affonso Taveira e Medina de Sousa que

### THEATROS. — Trindade — A Moira de Silves



Personagens de «A Moira de Silves»

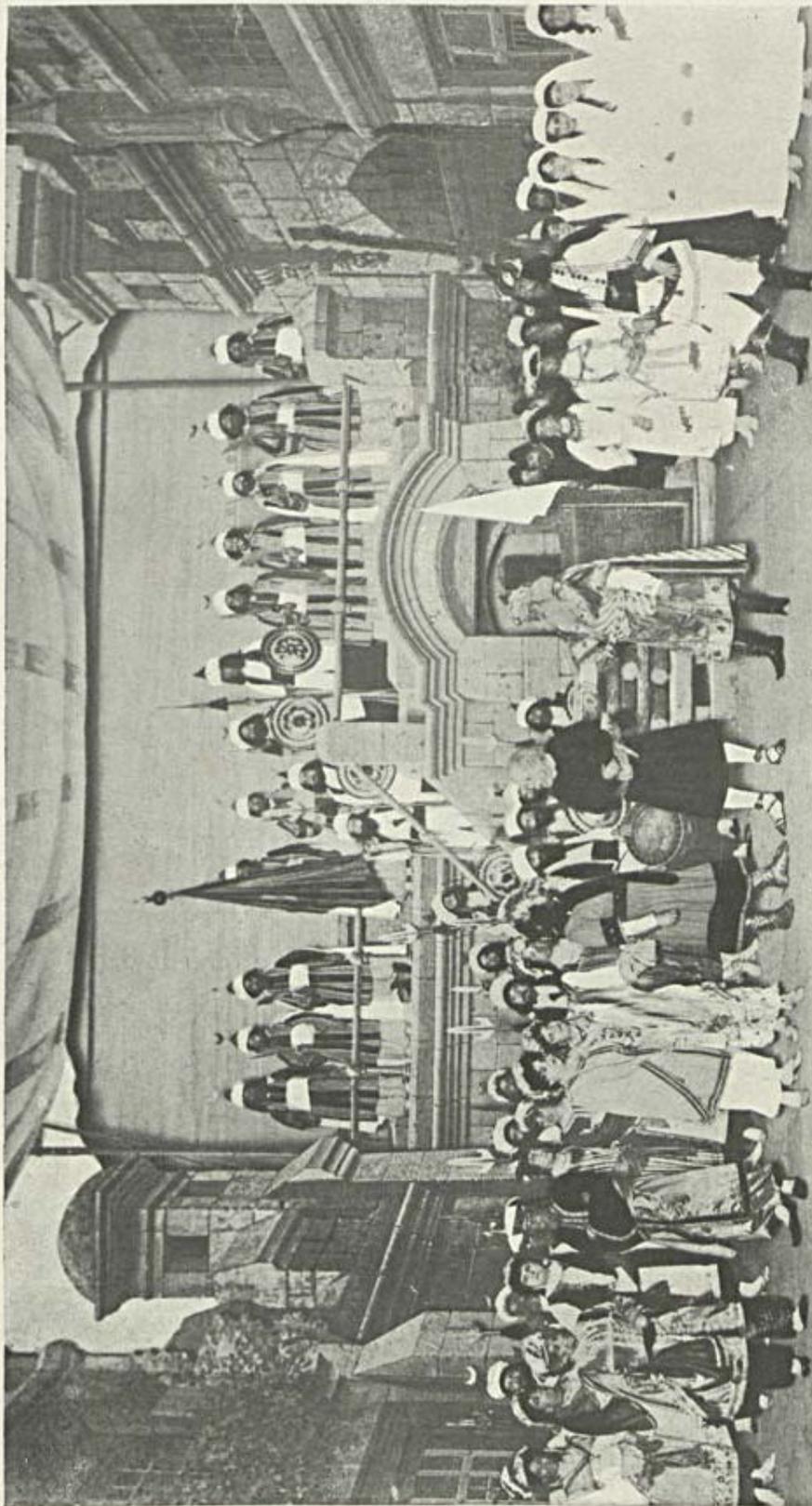
Da direita para a esquerda: Lua, Amelia de Barros — Almandil, Roldão — Luz, Maria Santos — Affonso Garcia, Sá Bzali, Tristão — Al-Mançor, Conde — Pedro, Affonso Taveira — Sol, Medina de Sousa — Ali, Gabriel — Sentinella, Alvaro

d'elle andavam distanciados. Elle, o habilissimo e brioso empresario-ensaiador, quiz mostrar que atravez de outros trabalhos se não tinha eclipsado nenhuma das suas bellas qualidades de artista. Encarregou se de um papel que é ao mesmo tempo sentimental e comico, commovente e pittoresco. Ao gageiro Pedro, o homem simples, heroico e bom, o bravo leão do mar, deu ora a nota hilariante, ora a vibração communicativa, ora a intensidade dramatica, que o au-

Do *Almandil* fez Roldão uma criação impagavel, fazendo atravessar a peça de um bom humor que o publico por vezes sublinha com applausos. No *Al-Mançôr* Conde é superior ao artista que primitivamente creou o papel, e sustentaram com brilho as partes de que se encarregaram no desempenho Sá, no *Afonso Garcia*, Gabriel Prata, no *A'i* e Maria Santos, na *Luz*.

E' notavel a afinação dos côros e estão acima de todo o elogio a

## THEATROS. — Trindade — A Moira de Silves



Final do 3.º acto

(Cliché de A. C. Lima).

ctor desenhou e o artista primorosamente comprehendeu e interpretou

Medina de Sousa foi uma adoravel Princesa Sol, cantando a sua parte com graça e correcção e representando com extrema arte o seu papel.

De todos os antigos interpretes resta apenas Amelia Barros, fazendo a mesma personagem que representou ha dezenove annos, a *Luz*, de que hoje como então tirou excellentes effectos comicos.

*nise en-scène* e o vestuario, que provam a competencia e a bizzarria do empresario Taveira, que se não poupa a fadigas nem a despesas para que as peças no seu theatro sejam postas em scena com propriedade e grandeza.

O encenador, Nascimento Correia, os scenographos e a orchestra, merecem registo especial pelo muito que contribuíram para o exito em toda a linha alcançado por *A Moira de Silves*, da qual damos hoje algumas gravuras.

# THEATRO DA TRINDADE

## "A Moira de Silves,"

Os interpretes



Augusto Conde  
*(Rei Al-Mançôr)*



Antonio Sá  
*(Affonso Garcia)*



Rodrigo Jorge Roldão  
*(Intendente Almandil)*



Affonso Taveira (empresario da Trindade)  
*(Pedro Vasques, marinheiro luso)*



Gabriel Prata  
*(General A-li)*



Amelia Barros  
*(Lua)*



Medina de Sousa  
*(Princesa Sol)*



Maria Santos  
*(Luz)*



Cazimiro Tristão  
*(Baali, carcereiro)*



Dolores Ferreira  
*(Escrava)*



Alvaro d'Almeida  
*(Sentinella)*